

---

## **LEIA NESTA EDIÇÃO**

1 - Momento de Reflexão; 2 - Isei oferece curso de extensão de Meliponicultura; 3 - O fim da picada; 4 - Litoral discute viabilidade da meliponicultura; 5 - Abelhas sem ferrão atuam na disseminação da vida; 6 - Meliponicultura e preservação da natureza; 7 - Colmeias com rainha forasteira; 8 - Site interessante: Meliponário das Flores; 9 - Meliponicultura: AAMAMEL; 10 - Reunião da Meliponicultura: dia 8 de dezembro; 11 - Curso de Própolis; 12 - 4º Seminário Paranaense de meliponicultura: sucesso e importantes conclusões; 13 - Curso de abelhas Sem Ferrão: Ceplac (Ilhéus - Bahia).

---

### **1 - Momento de Reflexão**

“ Ore as maiores orações. Você não pode imaginar uma oração tão grande que, aos respondê-la, Deus não desejasse que ela tivesse sido maior.” - Phillips Braus

---

### **2 - Isei oferece curso de extensão de Meliponicultura**

Isei oferece curso de extensão de Meliponicultura. Curso avançado tem como tema a criação de abelhas nativas sem ferrão. Ivoti - O Instituto Superior de Educação Ivoti (Isei) está oportunizando um curso de extensão aos amantes da natureza.

Trata-se do curso avançado de Meliponicultura que acontecerá na Sala de Conferências da instituição nos dias 19 e 20 de novembro, sendo que na sexta-feira das 8h às 12h, das 13h30min às 18h30min e das 20h às 22h e no sábado das 8h às 12h, das 13h30min às 17h30min e das 19h às 21h30min. Até o momento, pelo menos 15 pessoas já garantiram suas vagas. Este é o primeiro curso de extensão sobre a criação das abelhas nativas sem ferrões que a instituição promove.

Na programação do curso que será ministrado pelo professor João Pedro Cappas e Sousa, os alunos irão aprender sobre os Meliponíneos e Autonomia individual; As castas: obreiras, rainha, macho, intercastas, intersexos; O que é uma rainha; Obreiras normais, obreiras rainhas (abelhas pangolins); o Reflexo, o Instinto e o Racional; A Base da Comunicação: comunicação globalizante, comunicação de identidade e comunicação momentânea; Os ferormônios anti-casta; A ovogênese e suas regras e seus problemas; Os diálogos nos Rituais de Postura; Decodificação da linguagem; além de perguntas e respostas e dúvidas sobre problemas.

As inscrições podem ser feitas até o dia 16 de novembro, na secretaria do Isei (Rua Pastor Ernesto Schlieper, 200, Bairro Sete de Setembro) ou pelo fone (51) 3563-8600, com Loreane ou Sandra. Estão sendo oferecidas 60 vagas. Está disponível ainda o e-mail [loreane@isei.edu.br](mailto:loreane@isei.edu.br) e o valor da inscrição é de 80 reais.

No valor da inscrição estão incluídos: quatro lanches aos participantes; certificado registrado aos participantes com no mínimo 75% de presença no curso; valor de locação dos espaços físicos e despesas administrativas.

**Atenção:** Os organizadores foram forçados a realizar a alteração de data e local para o curso do Cappas, que será realizado nos dias 20 e 21 (sábado e domingo) em Porto Alegre. O local será o Colégio La Salle São João, localizado na Rua Honório Silveira Dias, nº 645 - fone: (51) 3337-8677.

### **3 - O fim da picada**

Você sabia que, apesar de as abelhas serem consideradas ícones de laboriosidade cooperativista, quando o assunto é inseto social, apenas 5% delas vivem em sociedade? Pois é. A grande maioria das abelhas não são insetos sociais e, ironicamente, as mais comumente encontradas nos diversos biomas do país também não fazem parte de nossa fauna.

Estas, popularmente conhecidas como "abelhas de caixão", são européias, *Apis mellifera*, introduzidas no Brasil em 1839 pelo Padre Antônio Carneiro. Praticamente ocupam nossos biomas naturais por serem, até agora, as mais utilizadas na produção de mel.

Em 1956, a *Apis mellifera* cruzou com uma espécie de abelha africana e, deste cruzamento, resultou um híbrido (*Apis mellifera mellifera*), que se destacou por sua agressividade e pela excelente produção de mel. A meletina, veneno da abelha *Apis mellifera*, é um poderoso anti-inflamatório, chegando a ser 100 vezes mais potente que a cortisona.

A apiterapia, (técnica de tratamentos de algumas moléstias humanas através do emprego de abelhas), está sendo muito utilizada na cura da síndrome da Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), patologia conhecida também por doença de Lou Gehrig e doença de Charcot, anomalia neurodegenerativa progressiva e fatal, caracterizada pela alteração dos neurônios motores e das células do sistema nervoso central que controlam os movimentos voluntários dos músculos.

Quando uma abelha operária chega à colmeia, trazendo em seu estômago o néctar colhido das flores, uma outra introduz a língua em sua faringe, obrigando-a a regurgitá-lo nos hexágonos dos favos.

O néctar será, posteriormente, utilizado para alimentar toda a população da colmeia, principalmente, durante os meses de escassez alimentar. Uma única abelha consegue visitar cerca de 1.500 flores por dia e, para fabricar 15 kg de mel, precisa visitar 70 milhões de flores e voar um percurso de 3 bilhões de quilômetros.

A longevidade das diferentes castas de abelhas difere enormemente. Uma abelha rainha vive longos 5 anos, ao passo que as operárias não ultrapassam 35 dias. Tudo seria maravilhoso, não fosse o preocupante fato de essas abelhas européias estarem competindo com as nossas abelhas nativas e saindo na frente com grande vantagem nessa desleal competição.

O Homem introduziu as abelhas européias em nossos ambientes naturais e as domesticou. Em nossas matas, elas se apossam dos recursos naturais da floresta, daí as consequências desastrosas tanto para as nossas espécies nativas quanto para nossa flora. O problema ocorre porque nossas florestas coevoluíram com nossas abelhas, ou seja, evoluíram juntas.

Dessa forma, a anatomia de nossas abelhas silvestres é compatível com a das flores dos vegetais que elas devem polinizar. Já a abelha européia, que não teve seu ciclo evolutivo compartilhado com a anatomia de nossas flores, não consegue polinizá-las, colocando, assim, em risco de extinção tanto nossas abelhas quanto nossos vegetais, pelo fato desses últimos não conseguirem mais se propagar devido à ausência da polinização, pondo a perder todo um patrimônio genético de milhões de anos de um laborioso processo evolutivo das espécies envolvidas.

A extinção de espécies de abelhas nativas com certeza é uma grave perda para nosso ecossistema,

pois esses insetos são os maiores polinizadores de nossos vegetais. Nos biomas tropicais, como é o caso do Brasil, é muito freqüente espécies vegetais serem polinizadas por apenas poucas espécies de abelhas, relações essas bastante estreitas, moldadas ao longo de processos coevolutivos que geram a interdependência das espécies.

Nestes casos, a extinção dos polinizadores específicos pode conseqüentemente levar também à extinção a planta que ele polinizava e, com a supressão do vegetal, várias espécies que possuem nicho específico e que dependem especificamente dessa espécie vegetal para sobrevivência, como por exemplo, alguns primatas, também terão seu destino selado pela simples introdução, porém catastrófica, de uma simples espécie de abelha exótica.

A extinção de uma espécie na natureza afeta todas aquelas que a sucedem na teia alimentar, causa grandes prejuízos ecológicos, incluindo até mesmo ao próprio homem. Até o momento não foi possível mensurar o impacto real causado pela introdução da *Apis mellifera* sobre as populações das espécies nativas de abelhas e vegetais, entretanto é possível que esse impacto seja maior em áreas alteradas e com grande concentração de plantas colonizadoras, uma vez que a *Apis mellifera* é capaz de beneficiar-se de nosso bioma e adaptar-se muito bem a ele.

Além desse grave problema de competição intraespecífica (competição entre espécies diferentes que possuem o mesmo nicho ecológico), somam-se ao fato a destruição e fragmentação de seu habitat. O desmatamento é uma causa mais direta e imediata da redução da biodiversidade de espécies de abelhas, não só pela redução dos recursos florais, como também pela escassez de locais para nidificação.

As Meliponinae (abelhas silvestres nativas), em particular, utilizam muitas vezes troncos de árvores de grande porte para instalação de colônias, e a falta desses locais pode impedir a manutenção de suas populações naturais.

Outro fator que pode levar a extinção rápida a espécies do grupo é a utilização indiscriminada de inseticidas e pesticidas agrícolas, que são letais não só para as abelhas, mas também para todos os insetos polinizadores ou não, que por sua vez, podem também afetar a população de pássaros que deles se alimentam.

Para que essas espécies de abelhas nativas não cheguem a entrar em extinção, chegará ao cúmulo de ser preciso também mantê-las em cativeiro para garantir sua preservação no ecossistema, assim como é feito hoje com os vertebrados em zoológicos e pelos criadores conservacionistas, que deverão também utilizar técnicas para a manutenção em cativeiro de colônias, principalmente as das espécies nativas de cada região.

Dessa forma, pode ser realizada uma multiplicação artificial das colmeias que venham a favorecer as populações naturais, além de propiciar uma alternativa de renda aos produtores. Entretanto, o cultivo dessas abelhas para produção de mel não é vista com bons olhos, pois nossas abelhas silvestres, além de não serem muito produtivas e não produzirem favos, também não são muito higiênicas: calafetam as frestas de seus ninhos com fezes de animais.

Em compensação, seu mel possui concentrações elevadas de inibina, que possui propriedades antibióticas. Prof. Dr. Edilson José Guerra é professor de Zoologia da FEUC, diretor do Zoológico de Leme.

Fonte: Jornal Democrata - Palimpsesto - 12/11/2010 -

---

#### **4 - Litoral discute viabilidade da meliponicultura**

A UFPR Litoral e Secretaria da Agricultura e do Abastecimento debatem, de sexta (12) a domingo (14), a viabilidade da criação de abelhas nativas na região. O 4º Seminário Paranaense de Meliponicultura acontece na sede da universidade, em Matinhos. A meliponicultura é a produção de mel, própolis e ceras de abelhas nativas, que são abelhas sem ferrão.

A produtividade baixa é um dos fatores negativos da meliponicultura. Um frasco de 65 ml de mel de qualquer uma das quatro espécies criadas na região (jataí, tubuna, mandaçaia e manduri) custa em torno de R\$ 7,00. Com o mesmo valor dá para comprar um pequeno frasco (30 ml) de própolis destas abelhas. O desafio que UFPR e Seab tem de vencer é promover projetos sustentáveis do ponto de vista ambiental, econômico e social.

O seminário – o quarto de uma série iniciada em 2007 com a promoção da Seab e Emater/PR, inclui a realização de palestras, discussão de temas ligados à atividade como organização de produtores, legislação, acesso ao mercado e desenvolvimento sustentável.

Os participantes poderão optar também por visitas técnicas que serão feitas nas comunidades de Guaratuba, Morretes, Paranaguá e Guaraqueçaba, em áreas potenciais para o desenvolvimento da meliponicultura.

Entre as palestras que serão proferidas está a “Importância da meliponicultura” com a professora Vera Lucia Imperatriz Fonseca, da Universidade São Paulo (USP); “Identidade Cultural do Povo Paranaense” com o professor Valdo Cavallet, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e “Meliponicultura em Terras Indígenas: Desdobramentos da Experiência do Parque Indígena do Xingu (MT)” com o professor Jerônimo Villas-Bôas, da Universidade Federal de Sergipe.

As inscrições são gratuitas, sendo que o participante arca com despesas individuais de hospedagem, alimentação e o custo das visitas técnicas. Elas podem ser feitas pelo fone 41 3511-8300 ou pelo site [www.meliponario.ufpr.br](http://www.meliponario.ufpr.br)

Dias 12 a 14 de novembro de 2010 - Hora – Das 9h às 22h - Local – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral - Endereço – Rua Jaguariaíva, 512 Matinhos/PR - Contatos com o professor Renato Bochicchio - (41) 9971-9974.

Fonte: <http://migre.me/2jcgq> – 09/11/2010 - <http://correiodolitoral.com/> - "Correio do Litoral" <[correio@correiodolitoral.com](mailto:correio@correiodolitoral.com)>

---

#### **5 - Abelhas sem ferrão atuam na disseminação da vida**

Autor: Michelle Treichel - A preservação da biodiversidade deve ser uma preocupação de todos. A preservação da biodiversidade deve ser uma preocupação de todos. Pequenas ações de cada ser humano ajudam a manter vivas espécies da flora e fauna.

O técnico de enfermagem José Carlos Haas está consciente de seu papel. No pátio de sua residência, em Santa Cruz do Sul, ele se dedica à criação de abelhas nativas, que caracterizam-se por não ter ferrão e são indispensáveis na polinização de diversas plantas.

O interesse pelos insetos iniciou há oito anos, quando ganhou uma colmeia da abelha jataí de

presente. Hoje, o meliponicultor possui 23 espécies diferentes e trabalha na multiplicação dos enxames. Segundo conta, as colmeias são trocadas com outros criadores de todo o País com foco no melhoramento genético das espécies. “As abelhas são indispensáveis à natureza. Sem elas, somos um mundo perdido”, ressalta.

Na última quinta-feira, Haas compartilhou seus conhecimentos e sua consciência ecológica. Por meio do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (Capa), liderou uma oficina teórico-prática de meliponicultura. O encontro reuniu 16 pessoas de diferentes segmentos interessadas no assunto. Durante a manhã, foram repassados os conhecimentos teóricos e, na parte da tarde, todos puderam conhecer mais de perto as características de cada espécie do meliponário.

O agrônomo Luiz Rogério Boemeke explica que encontros como esse são realizados há três anos, sempre nos meses de primavera e verão – período de maior atividade dos enxames. Segundo comenta, chama a atenção a diversidade das pessoas interessadas pelo assunto e dispostas a também desenvolverem a atividade.

“É importante essa adesão, pois as abelhas ajudam no equilíbrio ambiental”, diz. Interessados em conhecer o mundo das abelhas sem ferrão podem procurar o Capa e agendar sua presença no próximo encontro.

**APROVAÇÃO** - Um dos alunos da última edição da oficina teórico-prática de meliponicultura, o funcionário público João Lima, de 47 anos, estuda esse tipo de inseto há três anos. Coordenador da Secretaria Estadual de Meio Ambiente em Santa Cruz do Sul, ele reconhece o trabalho de polinização realizado pelas abelhas nativas. “Elas são necessárias na perpetuação da vida.”

Como atua na área florestal, os conhecimentos de Lima sobre o assunto são úteis no dia a dia. “Posso orientar melhor as pessoas para que preservem sempre, pois muitas espécies estão ameaçadas de extinção.” Além disso, mantém 15 colméias em sua propriedade, muitas retiradas de lugares desmatados ou com licenciamento de supressão.

Saiba mais - As abelhas nativas são tipicamente brasileiras e não possuem ferrão, o que atrai a atenção de criadores pela facilidade de manuseio das colmeias. Em todo o território nacional, estudos indicam a existência de mais de 200 espécies. No Rio Grande do Sul, já foram catalogadas 21.

A técnica de criação desses insetos é conhecida como meliponicultura. As principais abelhas sem ferrão são a urucu verdadeira, urucu amarela, jataí, mandaçaia e tiuba amarela. O mel das abelhas nativas é saboroso, diferenciado e reconhecido por suas importantes propriedades funcionais à saúde humana.

Fonte: Gaz.com, publicada em: 01/11/2010

---

## **6 - Meliponicultura e preservação da natureza**

Autor: Edmundo Sinedino - Em São Paulo do Potengí, grupo de meliponicultores trabalham na preservação das abelhas nativas e ajudam na recomposição da mata, tão necessária na sua floração para as abelhas.

Em São Paulo do Potengí, grupo de meliponicultores trabalham na preservação das abelhas nativas e ajudam na recomposição da mata, tão necessária na sua floração para as abelhas. hoje temos uma

predominância de duas espécies de planta: a jurema e a algaroba, dificultando e muito o processo de criação das abelhas sem ferrão.

necessário um trabalho forte com colheita de sementes nativas com respectivo feitura de mudas e distribuição para os diversos criadores como forma de um repovoamento com mais espécies de juazeiros, juazeiros, mororó, cumarus e tantos outros com suas épocas específicas de floração, ajudando na criação das abelhas.

Fonte: Notícias do Sertão, publicada em: 17/10/2010

---

## **7 - Colmeias com rainha forasteira**

Em uma colmeia, a sucessora da abelha-rainha será uma de suas descendentes. Pelo menos é o que se imaginava. No entanto, uma pesquisa feita com a *Melipona scutellaris*, uma espécie da tribo Meliponini que compreende as abelhas sem ferrão, mostra que isso pode não ocorrer.

O trabalho fez parte do doutorado da bióloga Denise de Araujo Alves, defendido e aprovado em agosto e publicado em outubro na revista *Biology Letters*. Denise contou com Bolsa de Doutorado Direto da FAPESP e seu estudo esteve inserido no Projeto Temático “Biodiversidade e uso sustentável de polinizadores”, que se realizou no âmbito do Programa Biota-FAPESP e foi coordenado por Vera Lúcia Imperatriz Fonseca, professora titular em Ecologia do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP).

“O resultado foi surpreendente. Verificamos que, nas colônias nas quais houve substituição natural de rainhas fecundadas, as rainhas substitutas, em alguns casos, não eram oriundas daquela colônia”, disse Vera Lúcia à Agência FAPESP. A pesquisa trouxe as primeiras evidências de um parasitismo social intraespecífico para colônias de abelhas Meliponini.

O primeiro a sugerir a ideia foi o pesquisador holandês Marinus Sommeijer. Em experimentos na Costa Rica e em Trinidad Tobago, chamou-lhe a atenção o elevado número de abelhas-rainhas que nasciam em uma colônia, o que o levou a lançar a hipótese de que algumas poderiam assumir um ninho órfão (sem rainha).

Mas Sommeijer, após um estudo baseado em observações que rainhas saíam vivas das colônias, não levou adiante a investigação e a hipótese ficou sem comprovação. Denise começou seu trabalho em São Simão (SP), com abelhas do experimento do professor Paulo Nogueira Neto, também do IB-USP. Nessa fase, ela coletou pupas de favos dos ninhos amostrados em diferentes épocas do ano.

Esse material foi submetido a uma análise molecular na Bélgica pelo professor Tom Wenseleers, da Universidade de Leuven. Nos resultados, foram detectadas evidências da existência de rainhas oriundas de outras colmeias. Acreditava-se que uma rainha que não assumisse o ninho em que nasceu seria morta logo ao emergir ou sairia com parte das operárias para fundar um novo ninho.

Mas o experimento apontou outra possibilidade: ela poderia assumir um ninho órfão”, disse Denise, destacando que a descoberta derrubou também a crença de que a abelha-rainha teria de ser uma descendente de sua antecessora.

Para dar suporte biológico à nova tese, a bióloga aprofundou a investigação. Retirou as rainhas de alguns ninhos mantidos no Laboratório de Abelhas da USP, em São Paulo, e observou-os para ver quem seria a nova rainha. Primeiro, foi determinado o genótipo parental das pupas da colônia original por meio da técnica de marcadores moleculares de microsatélites.

A seguir, após a fecundação da nova rainha, parte de sua asa foi retirada. O material foi submetido à análise de genótipos parentais para indicar o ninho de origem do inseto. Depois, a cria da nova

rainha também foi genotipada.

O resultado foi que, em cerca de 25% das substituições das rainhas-mãe, o genótipo das novas crias não coincidiu com o das pupas originais da colmeia, confirmando o parasitismo social intraespecífico. “Como esse fato foi observado em duas localidades diferentes, São Simão e São Paulo, acreditamos que se trata de um fenômeno comum a esse grupo”, disse Denise.

“No Brasil, relatos de criadores de abelhas sem ferrão também se referem a rainhas virgens andando nas proximidades dos meliponários, mas a sua importância para as colônias órfãs era desconhecida”, afirmou. Parasitismo intraespecífico.

– Uma das consequências da descoberta atinge os criadores de abelhas sem ferrão. O protocolo atual de melhoramento genético não considera a possibilidade de uma interferência genética externa por meio da introdução de uma rainha estranha ao ninho.

“Descobrimos que não há como garantir que a linhagem obtida no melhoramento permanecerá constante ao longo das gerações”, observou Denise. Com isso, se um produtor adquiriu uma colmeia com uma linhagem de alta produção de mel, não há garantias de que esses resultados continuarão, pois a colônia está sujeita a receber uma rainha com genótipo diferente.

“Esse estudo abre uma nova linha de pesquisa acadêmica, a de parasitismo intraespecífico, e terá aplicações práticas na genética de populações”, disse Vera Lúcia. Segundo ela, as análises moleculares serão cada vez mais aplicadas na resolução de problemas comportamentais. “Nossos próximos passos serão no sentido de verificar se esse fenômeno ocorre em todas as abelhas do gênero *Melipona*”, disse.

As abelhas da tribo Meliponini, foco do Projeto Temático coordenado por Vera Lúcia, possuem o ferrão atrofiado. Apenas na região neotropical, que nas Américas vai do México até a Argentina, elas se dividem em mais de 400 espécies já descritas, mas se estima que o número seja bem maior.

“Além disso, essas abelhas são agentes polinizadores muito importantes tanto de espécies vegetais de áreas conservadas como de culturas agrícolas de interesse econômico”, disse.

Fonte: Fábio Reynol/ Agência Fapesp – 19/11/2010 - Envolverde - São Paulo/SP - Biodiversidade - 18/11/2010 -

---

## **8 - Site interessante: Meliponário Flôres da Terra**

"Primeiro foi necessário civilizar o homem em relação ao próprio homem. Agora é necessário civilizar o homem em relação a natureza e aos animais."

O Meliponário Flores da Terra surgiu com o intuito de organizar uma atividade muito prazerosa, uma vez que chega a se tornar até um Hobby para alguns e para outros uma fonte de renda porém, a criação de Abelhas Indígenas sem Ferrão é uma atividade nobre, importante ecologicamente para o nosso meio ambiente e acima de tudo prazerosa.

Somos um website, direcionados para a criação de abelhas nativas do Brasil, com ênfase e intuito focados na Abelha Jandaíra (*Melipona Subnitida*) para produção de Mel e formação de novas colônias. Estamos localizados no Município de Assu-RN nós temos um só objetivo, criar, preservar e acima de tudo incentivar a criação de abelhas sem ferrão para produção de mel e de novas colônias.

Veja mais: <http://meliponariofloresdaterra.webnode.com.pt/>

---

## **9 - Meliponicultura: AMAMEL participa de seminário no litoral**

Recentemente um pequeno grupo de criadores destas abelhas decidiu criar a Associação dos Meliponicultores de Mandirituba. Na semana passada eles estiveram, juntos com técnicos e autoridades de Mandirituba, participando do 4º Seminário Paranaense de Meliponicultura, promovido pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Matinhos.

Durante o evento, eles tiveram a oportunidade de discutir os entraves das atividades do setor, integrar e trocar experiências entre os criadores do Estado. A meliponicultura é atividade referente à produção de mel, própolis e ceras de meliponídeos, ou seja, abelhas indígenas, que não possuem ferrão.

Fonte: Bem Paraná - Curitiba/PR - Blogs - 19/11/2010

---

## **10 - Reunião da Meliponicultura: última de 2010**

Ao longo de 2010 foram realizadas algumas reuniões para tratar sobre assuntos relacionados à meliponicultura, dentre os quais sobre encaminhamentos do 4º Seminário Paranaense de Meliponicultura, que aconteceu de 12 a 14 de novembro, na UFPR Litoral (Matinhos - PR).

Assim, eis que dia 8 de dezembro acontecerá a última reunião da meliponicultura, conforme a programação abaixo.

Data: 8/12/2010 (quarta-feira)

Horário: 15 às 17 horas

Local: auditório da SEAB (rua dos Funcionários, 1559 – Cabral – Curitiba – PR – fone: 41.3313.4132 – Inf.: Roberto de Andrades Silva - [andrades@seab.pr.gov.br](mailto:andrades@seab.pr.gov.br))

Pauta: avaliação, conclusões e encaminhamentos do 4º Seminário Paranaense de Meliponicultura, organização da Câmara Técnica de Meliponicultura, 5º Seminário (Curitiba - PR), cenários para 2011 e assuntos gerais.

Agendem-se para participar e avisem os demais interessados e atores da meliponicultura !

---

## **11 - Curso de Própolis**

Data: 27 de novembro de 2010; Duração: 8 horas; Horário: 8:00 às 12:00 – 13:00 às 17:30; Local: Colégio Curitibano ( Rua: Amazonas, 368 ); Patrocínio: Associação Paranaense de Apicultura (APA) e Colégio Curitibano.

Professores: Harold Brand - Biólogo e Meliponicultor e Sebastião Gonzaga (Presidente da APA – Apicultor e Meliponicultor) - Número de alunos: 15 alunos e Custo do Curso: R\$ 200,00.

Conteúdo: (aulas práticas e teóricas): 1 - Origem da própolis e os metabólicos secundários; - Importância da flora na variabilidade da própolis; - Compostos químicos da própolis; terpenos, fenóis e compostos derivados (óleos essenciais, alcalóides e glicosídeos).

- Práticas: Coleta de própolis, manejo e preparação; identificação de substâncias; aplicações.

2 - Tipos de própolis de Apis (marrom, vermelho e verde): Tipos de própolis de Abelhas Sem

Ferrão.

Práticas: Preparando própolis legal: \* técnicas de manejo; \* técnicas de estímulos na produção de própolis; \* técnicas de comercialização; \*utilização da própolis.

Contatos: \* Colégio Curitibano: 0 41- 3333.3426 - Email: [colcuritibano@netpar.com.br](mailto:colcuritibano@netpar.com.br) e \* APA: 041-3256.0504 - Email: [gonzaganativas@gmail.com](mailto:gonzaganativas@gmail.com)

---

## **12 - 4º Seminário Paranaense de Meliponicultura: sucesso e importantes conclusões**

A Criação de abelha sem ferrão foi amplamente discutida no 4º Seminário Paranaense de Meliponicultura, evento que aconteceu em Matinhos, litoral do Paraná, entre os dias 12 a 14 de novembro e reuniu aproximadamente 200 participantes, de várias regiões do estado e do país. A meliponicultura é a atividade referente à produção de mel, própolis e ceras de abelhas indígenas, ou nativas, que são as abelhas sem ferrão.

A iniciativa de realizar o seminário no litoral do Paraná foi da Universidade Federal do Paraná - setor litoral, com o apoio da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab), com objetivo de incentivar a disseminação da criação de abelhas nativas sem ferrão e estabelecer ações vinculadas ao desenvolvimento sustentável da região litorânea.

Outro objetivo da UFPR - setor litoral e da Seab - é que a meliponicultura torne-se uma atividade importante em regiões com ambientes naturais ainda preservados, mas com enormes disparidades sociais como o litoral do Estado, que ficou expresso no tema central do Seminário - “Caminhos para práticas sustentáveis”.

O seminário - o quarto de uma série iniciada em 2007 com a promoção da Seab e Emater/PR e incluiu a realização de palestras, grupos temáticos para discussão de temas ligados à atividade como organização de produtores, legislação, acesso ao mercado e desenvolvimento sustentável. No Grupo Temático sobre legislação, extraiu-se as seguintes deliberações:

### **a - Proposta de Portaria regulamentadora da criação de Abelhas Nativas Sem Ferrão no Paraná**

- Os diversos atores da meliponicultura paranaense e brasileira, presentes ao 4º Seminário paranaense de meliponicultura, reivindicam que o governo do Paraná regulamente a criação de ASF e para tal aprovam proposta de Portaria regulamentadora a ser implementada pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP).

### **b - Regulamentação da Resolução CONAMA nº 346/2004**

- Que o IBAMA promova a regulamentação da Resolução CONAMA nº 346/2004, com participação e consulta aos atores da meliponicultura de todo o Brasil (criadores – entidades representativas, pesquisadores, cientistas, técnicos governamentais, etc).

### **c - Criação de Câmara Técnica de Meliponicultura em nível da CBA (Confederação Brasileira de Apicultura)**

- Que a CBA (Confederação Brasileira de Apicultura.) institua uma Câmara Técnica de Meliponicultura em nível de sua estrutura organizacional, contemplando o crescimento da atividade

em todos os estados da federação e sua importância socioeconômica e ambiental.

#### **d - Alteração da Instrução Normativa nº 169/2008 do IBAMA**

- Que o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente) promova a alteração da Instrução Normativa nº 169/2008, que trata sobre criatórios de animais silvestres, excluindo de seu conteúdo aspectos relacionados à criação de abelhas nativas sem ferrão (meliponicultura).

Que promova a edição de Instrução Normativa (IN) específica para a meliponicultura, contemplando suas particularidades e especificidades. Também, é importante que se crie a possibilidade dos órgãos estaduais ambientais estaduais fiquem responsáveis ainda pelo licenciamento e controle da atividade no âmbito de suas respectivas jurisdições.

#### **e - Participação dos atores da meliponicultura na revisão do RIISPOA**

- A CBA (Confederação Brasileira de Apicultura.), preside e coordena a Câmara Setorial de Mel e Produtos Apícolas, estrutura consultiva do MAPA (Ministério de Agricultura e Pecuária) e através do GT RIISPOA, colheu propostas e sugestões, visando a revisão do RIISPOA (Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária dos Produtos de Origem Animal), processo desencadeado em 2008 pelo citado órgão federal.

- Que a CBA incentive o debate nacional e acolha as propostas dos atores da meliponicultura de todos estados da federação (criadores, técnicos, cientistas, etc), visando contribuir para a revisão do RIISPOA, contemplando as especificidades e particularidades do segmento meliponícola nacional.

**Atenção:** As conclusões extraídas das demais salas temáticas (Ecologia e Conservação, Etnociência, Meliponicultura e Desenvolvimento sustentável, Ciência e Meliponicultura, Acesso ao Mercado, Organização dos Meliponicultores), serão divulgados no próximo Boletim.

---

#### **13 - Curso de abelhas Sem Ferrão: Ceplac (Ilhéus - Bahia)**

Período: 6 a 8 de dezembro de 2010; Local: CEPLAC/CEPEC - na instalações do Centro Regional de Apicultura, Rod. Ilhéus/Itabuna km 22 - Ilhéus – Bahia; Vagas: 15 participantes; Facilitadora: Paulina Ramalho Sicupira (Bióloga MsC).

Programa: Introdução; Aspectos morfológicos e biológicos; Localização e instalação do meliponário; - Equipamentos e indumentárias; - Pastagens e alimentação; - Inimigos e Inquilinos Naturais; - Manejo (Teoria e Práticas: 1 - Caixas isca, 2 - Captura e transferência de colônias, 3 - Alimentação artificial; 4 - Armadilha para forídeos; 5 - Divisão de colméias; 6 - Preparo de colméias para produção; 7 - Extração do mel); - Produtos das abelhas; - Custo de implantação e rendimento do meliponário.

Fonte: Ediney de Oliveira Magalhães - Eng. Agrônomo - Msc - Centro Regional de Apicultura do Sul da Bahia - Ministério da Agricultura e Abastecimento/ CEPLAC/CEPEC - “Ediney Magalhães” <casadaabelha2003@yahoo.com.br>.

---

**DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL**

**Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva – andrades@seab.pr.gov.br - fone: 0xx41-3313.4132 - fax: 3313.4031 - www.seab.pr.gov.br**